

Versões do pai entre modelo e identificação*

Marina Caldas Teixeira**

A partir dos anos 70, Lacan retomou sistematicamente o que tinha a dizer sobre os Nomes-do-Pai e que havia evitado falar (20/11/1963), no encadeamento do Seminário sobre a angústia. Lacan retomou a questão da pluralização dos Nomes-do-Pai a fim de mostrar o que é uma clínica que funciona dispensando os Nomes-do-Pai com a condição de fazer uso deles, perspectiva que passou a ser chamada de segunda clínica. Mas, se foi apenas a partir dos anos 70 que Lacan retomou a questão dos Nomes-do-Pai, seu ensino clínico esteve, desde o começo, orientado pelo tensionando de duas preocupações: por um lado, conservar a distinção neurose-psicose para interrogar o neurótico sobre sua crença no pai; por outro lado, interrogar os casos nos quais a identificação não passa pelo Nome-do-Pai. (no Seminário III, se tematiza a identificação imaginária como uma suplência do Nome-do-pai forcluído)¹. Pode-se dizer que a segunda clínica de Lacan generaliza o tensionamento das preocupações da primeira clínica de tal forma que, por um lado, o sujeito psicótico se torna o caso particular de uma série de casos, o daqueles que não podem fazer de outra maneira a não ser dispensando o pai; por outro lado, a oposição clínica é reformulada em termos da oposição père-versions e psicoses.

O tensionamento próprio à segunda clínica é frontalmente enunciado na lição de 21/01/1975 do seminário RSI, na qual Lacan tornou equivalentes a função de pai e a função de sintoma, assinalando que essa equivalência extrai sua garantia de um pai que se demonstra quando pervertidamente

*Este trabalho foi apresentado no Núcleo de Pesquisa em Psicose (NPP) do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG) parceiro da Escola Brasileira de Psicanálise - Minas Gerais (EBP-MG), para abrir as discussões do segundo semestre de 2005 sobre o tema: <As versões do pai nas psicoses>.

** Mestre em Psicologia (UFMG), Especialista em Psicologia da Educação, Psicóloga (PUC-MG), Psicanalista, Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise - Minas Gerais (EBP-MG), membro da equipe responsável pelo Núcleo de Psicose do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG), Professora Adjunta do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). mcaldas@uai.com.br.

¹ Nota do Editor: em Portugal, os termos «forcluído» (forclos) e «forclusão» (forclusion) são normalmente traduzidos por «precluído» e «preclusão».

orientado, sublinhando que para sustentar tal garantia basta, que um pai seja um modelo da função.

«É preciso que qualquer um possa ser excepção para que a função da excepção se torne modelo. Mas a recíproca não é verdadeira. Não deve a excepção se fazer com qualquer um para com isso constituir modelo. Isso é o estado ordinário. Qualquer um chega à função de excepção que tem o pai. Sabe-se com que resultado: o de sua *Verwerfung*, ou de sua forclusão, na maioria dos casos, pela filiação que o pai engendra com os resultados psicóticos que denunciei. Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito amor, o dito respeito, estiver «père-versement» orientado, isto é, feito de uma mulher, objecto pequeno a que causa seu desejo, mas o que essa mulher em pequeno acolhe, nada tem a ver na questão. Do que ela se ocupa, são outros objectos pequenos a, que são as crianças, junto a quem o pai, então, intervém, excepcionalmente, no bom caso, para manter na repressão, a versão que lhe é própria de sua pai-versão. Única garantia de sua função de pai; que é a função, a função de sintoma. Para isto, basta aí que ele seja um modelo da função. Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser excepção. (LACAN: lição de 21/01/1975, RSI, inédito)»

Nessa passagem do RSI, os conceitos de função e modelo estão articulados a propósito do pai e das relações que giram em torno do pai, conforme a nova axiomática² que Lacan introduziu, nos anos 70, ao equacionar os problemas da clínica analítica diante da descrença moderna ou da inexistência do Outro.

De acordo com essa nova axiomática, o sintoma, antes definido a partir do desejo e de seus efeitos de sentido, passa a assumir um novo estatuto, determinado a partir do gozo. O sintoma entrega efeito de gozo, se determina a partir do incomunicável. Tomar o gozo como ponto axiomático da experiência implica considerar a palavra no tanto que ela não se dirige ao Outro e serve, antes para gozar³.

² MILLER, J-A. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998

³ N.A. Para as novas perspectivas do último ensino de Lacan, o simbólico está separado do Outro e referido a «alíngua». Alíngua designa um estado do significante prévio à estrutura de linguagem. Alíngua não é uma estrutura, mas sustenta o simbólico. Graças a alíngua, o gozo pode passar a contabilidade simbólica, ao reino de S_1 . Alíngua é enxame de S_1 – o fonema, a palavra, a frase e até todo pensamento são S_1 - que não chegam a S_2 . A partir desse S_1 a-estrutural de alíngua, Lacan distingue, desde RSI, duas vertentes para a noção de inconsciente em suas relações com o sintoma. O inconsciente-cadeia, elucubração de saber sobre alíngua, pois elucubração de saber consiste em por em cadeia os S_1 para fazer discurso (S_1 - S_2), logo consiste em produzir S_2 , encadeamento que entrega efeito de sentido. Nessa vertente o sintoma é mensagem. Em outra vertente, o sintoma se sustenta, ali onde não se faz cadeia e só há S_1 . Nessa direcção, o sintoma é efeito do simbólico no

Nessa perspectiva axiomática, um ponto chama a atenção, a saber: determinados axiomas que possuíam o estatuto de significantes, passam a ser articulados sob o novo estatuto de função, no sentido matemático do termo. Lacan converteu o falo em uma função, $\Phi(x)$. Converteu o Pai (o significante Nome-do-pai/ NP) em uma função (função da excepção). Converteu o sintoma em uma função, $\Sigma(x)$. No contexto dessa nova axiomática, o conceito de função está directamente implicado no problema de como se realiza uma passagem do simbólico ao real. Essa passagem tem a estrutura de uma forclusão e interessa averiguar de que forma os Nomes-do-pai funcionam como argumento dessa passagem na condição de modelo de uma função.

O que é uma função?

A função, em matemática, designa uma relação especial entre dois conjuntos.⁴ O termo relação se restringe a seu estatuto formal de ligação. A função não escreve uma transferência de sentido: escreve, tão-somente, uma ligação. Vejamos os seguintes enunciados:

« $2.1^3 + 1$ »,

« $2.4^3 + 4$ »,

« $2.5^3 + 5$ »

É possível ler, por completo, esses enunciados, pois todos os elementos significantes presentes nas expressões entregam seu significado. É possível ler tais enunciados em toda extensão. Mas, entre esses enunciados, nos quais o sentido não faz qualquer equívoco, há um sentido que é comum, que subsiste indicando, fazendo índice⁵ de uma relação entre os enunciados. Esse sentido comum pode ser lido, apesar de não estar significantizado, isolado em um significante da frase. É um sentido que exige um *pas-à-lire*, pois ainda que não significantizado, ele está escrito. Tentemos escrever esse sentido comum, que subsiste como o traço, o signo, da relação ou da ligação entre essas expressões: « $2. x^3 + x$ »

real, o sintoma vem do real (como retorno de uma forclusão que não seria património exclusivo das psicoses) e não entrega efeito de sentido senão de gozo. Nessa vertente, o inconsciente passa a ser localizado como «o que responde do sintoma», é o inconsciente mesmo que advém como «formação do sintoma». O sintoma é parceiro real da realidade do inconsciente. (Miller – *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, (1998)

⁴ N.A. A e B, que associa a cada elemento de A um único elemento de B: $f: A \rightarrow B$.

⁵ N.A. Essa indicação é suportada por um signo de tipo indicial. A semiótica de Peirce esclarece a tripartição do signo em ícone, índice e símbolo.

Isso é o que subsiste de sentido comum entre as expressões. Isso faz signo da relação comum que subsiste entre as três expressões. Nessa escrita, $2 \cdot x^3 + x$ os significantes presentes na expressão, $2 \cdot x^3 + x$, já não entregam toda a sua significação, há pelo menos um significante que oscila entre dois valores, número e incógnita. Se a letra x vale como número, há o desencadeamento do sentido comum. Se a letra x vale como incógnita (significante), há encadeamento do sentido comum. A função, o essencial à relação que subsiste entre aqueles três enunciados, se demonstra quando suprimimos a letra x , escrevendo-se assim: $2 \cdot ()^3 + ()$

Isso é o que é essencial a uma função, a saber, a função é uma relação na qual o argumento não faz parte da função, pois essa relação, que a função escreve, não entrega qualquer efeito de sentido, é apenas relação. A função se escreve sem efeito de sentido: a função se escreve reduzindo a relação a uma expressão que contém um lugar vazio, necessitando de um argumento para ser saturada.

É importante reter isso, uma função se escreve, a função é um escrito. E o que a função escreve: reduz a diversidade de significados presentes nos significantes dos enunciados, a um símbolo de relação. Nesse símbolo, as diferenças não deixaram de existir, elas estão potencialmente presentes como ausência (). A função está na passagem, no encadeamento-desencadeamento das relações. A escrita funcional é necessária no encadeamento-desencadeamento entre alíngua e a linguagem. Uma função é um signo de relação, é um signo que consegue representar a diversidade dos signos, como uma massa sonora. A escrita da função é agalmática. No meu exemplo, com a escrita da função foi possível representar os conteúdos bem significados em um símbolo, um semblante de relação. A função, $f()$, escreve um sentido em branco. O branco é ausência de cor, mas sem o branco não é possível passar de um matiz a outro⁶. O branco é o médium entre as cores, mas ele em si não é cor. Uma função é um médium, escreve uma relação. A escrita da função – a função é eminentemente um escrito – permite aceder à lógica das relações. Sem a escrita da função não é possível aceder a racionalidade do que nos

⁶ N.A. Para compor a luz branca a partir das cores do espectro (nas quais ela é decomposta pelo prisma), Newton criou seu famoso disco. Este, ao girar, funde as cores básicas, cuja proporção é responsável pelo tom resultante. Quando essas cores se misturam na medida certa, a síntese é o branco. Caso contrário, a luz recriada pode ser rosa ou azul. (A relatividade complementa a racionalidade da descoberta: a medida certa será relativa à velocidade do giro, em função da distância percorrida num tempo).

afecta. A escrita funcional de elementos da experiência é o *pas-à-lire* de Lacan para tratar a experiência do real em termos lógicos e topológicos, é o *pas-à-lire* para abordar a racionalidade do Pai e tocar os Nomes-do-pai.

A função é uma letra de relação. Qualquer função é primordialmente índice de uma relação: qualquer função faz signo indicial de uma relação existente. De forma generalizada, uma função se escreve como índice de relação. De forma restringida, uma função pode se escrever como símbolo de uma relação, voltarei a essa diferença mais adiante, ao abordar a função fálica e a função do pai.

Uma função é, portanto, um modelo matemático para escrever relações. Matematicamente, relações podem ser representadas por uma função. Toda função é uma relação, mas nem toda relação é uma função. Uma função é um modelo de relação.

Para que serve um modelo?

Em matemática, um modelo serve para pensar. A matemática é o reino das abstrações, e um modelo serve para pensar o abstracto. O modelo permite que o pensamento se aproxime desse abstracto, afim de que se torne possível discernir as relações que ali se estruturam. Por exemplo: os elementos de geometria euclidiana não são físicos, são abstractos. Não existe ponto, recta, infinito. O plano é um modelo que permite visualizar a geometria euclidiana e discernir o modo das relações geométricas de tipo euclidiano. A função também é uma abstracção. O modelo de uma função permite uma representação que torna possível cernir o que é o fazer de uma função. Exactamente, por dar conta de demonstrar o que faz a função, um modelo de função serve para restringir o universo em que se encontra o domínio das relações a uma sorte de generalização, que transforma esse universo em um caso particular. Por exemplo: a mecânica newtoniana é válida para o universo das relações físicas do quotidiano, do movimento experimentável. A física de Einstein é válida para a física de situações críticas, ou seja, física do que não experimentamos ao nível do sensível, mas que nos afecta - velocidades infinitamente grandes ou infinitamente pequenas.⁷ A física de Einstein é um modelo generalizado das leis físicas que restringiu o universo da mecânica newtoniana a um caso particular da física relativista.

⁷ N.A. Não experimentamos a velocidade da luz, mas a velocidade da luz nos afecta, somos capazes de ver a luz das estrelas.

Portanto, uma função é uma relação que é válida para todo um universo. Um modelo de função promove a generalização dessa relação, de tal sorte que o universo dessa relação passa a estar restringido a um caso particular.

Primeira Conversão: do significante do falo à função fálica

A partir dessa primeira conversão, vou tentar desdobrar a racionalidade da conversão do pai em sua função, articulada à função de sintoma, por onde Lacan pode tocar no Nome-do-pai para fazer emergir o modo de regulação do gozo na relação pai-filho, na série de casos em que o sujeito, dispensando o pai da identificação invoca os Nomes-do-pai, ou seja, invoca Um-pai como modelo de uma função de gozo.

O significante do falo entrega a significação do falo. Qual é o sentido da «significação do falo». Há dois sentidos, um subjectivo, o falo que significa, outro objectivo, o que significa o falo. Seja qual for o sentido, «a significação do falo» não faz cair sob o conceito, falo, um objecto, um existente. É assim que a significação do falo guarda a astúcia da neutralização de seus sentidos, pois a proposição «significação do falo» é sem referência: o que «a significação do falo» denota é a inexistência que esse conceito designa. O falo não é um nome próprio, não é um signo que fosse índice do objecto por ele nomeado. O falo é um signo com valor de símbolo⁸, pois representa o lugar vazio deixado pela dimensão real da diferença dos sexos. O que esse símbolo designa é que para agir na diferenciação dos sexos, o falo funciona como símbolo de que o vazio deixado pela inexistência do Outro sexo fez uma passagem do simbólico ao real. É exactamente nessas circunstâncias que o falo advém como função: $\Phi()$.

O que é a função fálica?

Uma letra de gozo que escreve o significado sexual do gozo. O gozo sexual é o gozo cujo significado é o falo. A função fálica escreve o que subsiste de relação entre os sexos, a saber, é um valor de verdade para os sexos: tudo que disser respeito ao gozo, cuja significação é sexual, deve estar submetido

⁸ N.A. Contribui retomar a diferença entre índice e símbolo que se especifica a partir da semiótica de Peirce relacionando-a às fórmulas da sexuação: Símbolo, \bar{O} , é aquele signo cuja relação com o objecto (vazio deixado pela inexistência do Outro sexo) consiste numa relação com o interpretante (modos de se servir da função, os quantificadores). Qualquer substantivo comum é simbólico. Índice: signo que, em vez de exhibir em si traços do objecto (característica do ícone) aponta para fora de si na direcção do objecto. Um índice é um signo que se refere ao objecto que ele denota em virtude de ser realmente afectado por aquele objecto. Na linguagem, nomes próprios são considerados índices. (A função do pai é de dar nomes às coisas).

à função fálica. A função fálica é um valor de verdade que se afirma, é uma lei, a lei dos sexos, a lei que dá significação à relação ao sexo. Mas a função fálica, essa lei dos sexos, distingue os sexos entre si? A função fálica especifica o modo de aproximação dos sexos entre si? Não, a função fálica não diferencia os parceiros sexuais. A função fálica é uma função ordinária: define uma ordem. A lei fálica define, ordinariamente, que são dois sexos, e que, seja para qualquer um, a relação ao sexo está escrita sob o regime de gozo sexual chamado fálico. Portanto, o significante do falo é o símbolo dessa lei, o símbolo da norma sexual do gozo. Esse símbolo é a letra⁹ da lei que se escreve sob tudo que disser respeito ao sexo. A função fálica traduz algo do gozo: Φ/J . Mas se a escrita do falo enquanto função entregou o efeito de significação sexual para o gozo, isso não diferencia os parceiros que permanecem alijados de saber-fazer com esse gozo. A lei dos sexos, esse símbolo, não entrega o efeito de sentido da relação sexual. É assim, que a diferença dos sexos deve ser procurada em outro lugar.

O que distingue os sexos?

Lacan assinalou que não são os sexos que se distinguem entre si. É o discurso que os distingue com base no valor fálico de que se reveste o órgão do macho. Mas o órgão só está em tudo isso como instrumento, significante, pelo qual o discurso faz passar enganosamente ao real, a pequena diferença que se impõe entre um menino e uma menina. Essa diferença se inscreve como realidade sexual inconsciente: são dois sexos e ambos fazem relação ao símbolo fálico, mas essa relação ao símbolo não entrega, contudo, a significação do modo de ser de cada sexo. O símbolo necessita ser encarnado para dar passagem ao real da diferença dos sexos. A função fálica necessita ser quantificada, a fim de dar passagem aos modos de ser da diferença sexual. Esse é o fundamento dos quantificadores: são dois modos de se servir da função fálica. Conforme o modo do sujeito se servir da função fálica configura-se, na vida quotidiana, um modo de ser do tipo homem ou do tipo mulher.¹⁰

A função fálica é uma função de tipo ordinário - $\Phi(x)$ -, pois o que ela produz, é a condição de dela se servir para marcar o sujeito como o argumento - $x\Phi(x)$ - de duas modalidades de uso em favor da lei. A função fálica, enquanto lei de todo gozo que se designa sexual, está sob a condição de não entregar

⁹ N.A. O signo de uma função tem dupla natureza, é letra e significante, é por isso que a função pode se inscrever como suplência. (O falo é causa e máscara da inexistência da relação sexual)

¹⁰ O saber do analista, lição de 3/3/1972.

outro sentido senão o de sua articulação a um quantificador universal. No que diz respeito à significação da diferença dos sexos, a função fálica funciona de modo ordinário, não tem essa 'conversa' de prescindir dela, para dela se servir. A redução do gozo do corpo a um gozo de tipo sexual convoca o sujeito a submeter sua posição de gozo como argumento da função fálica, conforme o quantificador eleito: todo fálico ou não-todo fálico. Só há dois modos de sustentar a diferenciação do macho e da fêmea, do homem e da mulher, no ser falante, a saber, o modo todo fálico e o modo não-todo fálico.¹¹ Não há efeito de designação da diferença sexual se o sujeito quer fazer passar sua posição de gozo à revelia dos modos todo fálico e não-todo fálico¹².

Isso já sinaliza o que está no horizonte do argumento de Lacan em RSI, de que ao pai, basta que ele seja modelo de uma função de gozo. No rumo dos encontros pai-filho, que a função do pai não seja de tipo ordinário: que se possa prescindir dele, para dele se servir. Que um pai não se tome por símbolo de sua função. Enquanto símbolo, ele se toma pelo significante Nome-do-pai - «quando um ser passa a ser apenas o seu símbolo fica, justamente sendo aquele ser sem ser» (Lacan: 3/3/1972). Quando um pai se toma pela exceção se produz a psicose.

Segunda Conversão: do significante Nome-do-pai à função do pai

Nessa conversão, Lacan distinguiu a função do significante Nome-do-pai e a função do pai. Por essa conversão, engajou-se na via dos Nomes-do-pai retomando aquilo que, ao final de 1963, havia se comprometido a não mais seguir. Nessa conversão própria aos anos 70, vai passar do Nome-do-pai ao pai do nome, donde se «reduz o nome-do-pai a sua função radical que é a de dar um nome às coisas»¹³

A leitura das fórmulas da sexuação, subvertendo as exigências formais de leitura que o plano de escritura impõe à nossa língua, tem efeitos surpreendentes para localizar as relações entre o pai e suas versões. (Esse exercício, assim proposto, tem por fim ir destacando aquilo que fundamenta a quarta conversão e que tem a ver com o que generaliza a forclusão, a saber,

¹¹ N.A. Ainda que a posição submetida ao quantificador não-todo aloje um outro gozo que se subtrai ao significante fálico, portanto, para além da função fálica, esse gozo, que Lacan denominou de suplementar, nada trama em nome da relação sexual.

¹² N.A. Mas, ainda que o sujeito se designe sexualmente por sua posição no gozo fálico, o gozo fálico permanece sendo o obstáculo, pelo qual cada um dos sexos não chega a gozar do corpo do Outro.

¹³ LACAN: RSI: 11/3/75

que a função do sintoma dá conta de uma função de ex-sistencia – temática trabalhada por Lacan no *Étourdit, Aturdito*)

A lógica da sexuação, que se organiza em torno da função fálica, traduz o gozo do corpo, anterior à linguagem, em gozo sexual. Mas não-todo o gozo passa à norma civilizada do discurso sexual. Há uma parte do gozo que se subtrai a tornar-se fálica, e passa mais além dessa função, ???xÖx, impossibilitando, com o tormento de sua intrusão, que cada um dos sexos goze do corpo do Outro.

A função própria do significante Nome-do-pai é solucionar a questão fazendo o todo, o seja, e excluindo o gozo suplementário, ou seja, rechaçando esse gozo que não está nomeado por ele. A operação do significante Nome-do-Pai não querer saber nada sobre o gozo que não é satisfeito pela função fálica. A metáfora paterna faz funcionar o Nome-do-pai como Um e a significação do falo é o resultado dessa operação.¹⁴ A metáfora paterna realiza o Um do Nome-do-pai que traduz o gozo pela universal fálica, excluindo ou rechaçando o gozo suplementário de uma nomeação simbólica. O contexto da metáfora paterna expõe a estrutura da forclusão restringida às psicoses, quando o Um do Nome-do-pai é impotente para conter a intrusão do gozo – forclusão do significante.

Na lógica da sexuação, um pai comparece enquanto função de exceção, configurando-se como exigência desesperada, assim diz Lacan na lição de 3/3/1972 do Saber do analista, de que pelo-menos-um suporte o Nome-do-pai. Que pelo-menos-um, escapando do sorvedouro desse não-todo, se faça indispensável para sustentar a universalidade da significação do falo como modo de nomear todo o gozo do corpo. Digamos que essa exigência desesperada de que pelo-menos-um se faça exceção invoca o estado ordinário da função de exceção quando um-pai se toma por o pai, «holofraseando», digamos o que Freud designou como traço da dupla inscrição, na identificação ao pai antes do amor. Nessa lógica, a função de exceção que tem um- pai responde desde a forclusão restringida ao elemento significante, a forclusão restringida a um existente, pois o quantificador existencial que poderia guardar a esperança de moderar o gozo da exceção, fazendo o todo do lado feminino, não é um valor existencial que se afirma . Desta forma, um-pai em função de exceção impõe sua imparidade à relação pai-filho.

¹⁴ MILLER: *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998, pg.377.

Terceira Conversão: da função do pai ao pai como modelo de uma função

Lacan sustentou que um-pai não deve se tomar por o pai. Um-pai não deve tomar-se por símbolo de sua função, que é a de excepção. Um-pai não deve tomar-se por símbolo da lei. Lacan não deixou de advertir (21/1/1975), que «Um-pai só tem direito ao respeito, ao amor, se estiver pervertidamente orientado, isto é, se demonstra ter feito de uma mulher objecto *a*, que causa seu desejo». Para isto, a um-pai, só é dada uma única garantia de sua função de pai, a saber, que declinando de seu ser de excepção, um-pai avenha como um modelo da função. Basta que ele seja um modelo. Um-pai como modelo não faz senão índice de seu sintoma, demonstrando o que excepcionalmente sabe-fazer com o gozo para dar lugar à causa de seu desejo. Um pai enquanto modelo de uma função de gozo entrega mais efeito de gozo que de sentido (significação fálica). Como modelo de uma função de gozo, entrega aquilo que do gozo suplementário pode se traduzir em uma letra, já que um-pai se demonstra realizando suas *père-versions*. Prescindindo de seu ser de excepção, um-pai se demonstra, demonstrando o modo como se arranja com o gozo que não tem nome. Basta que ele seja um modelo da função para dar passagem a outras formas de nomeação do gozo, modos que compeliram a colocar uma mulher, objecto *a*, como causa de seu desejo. Esses modos podem advir desde a inibição, desde o sintoma e desde a angústia.¹⁵ Basta que ele seja um modelo da função para que se pluralizem as formas de nomeação que podem cernir o que do gozo suplementário se inscreve como sintoma para cada um. Um-pai se demonstrar para demonstrar o que faz todo sintoma, ou seja, como operar com o objecto *a*, como se arranjar com o gozo que não tem nome, como saber-fazer com a causa do desejo. É isso mesmo que faz um modelo, demonstra como faz qualquer um para ser excepção e como não deve a excepção se fazer com qualquer um para com isso constituir modelo.

Um modelo é uma função que reduz as aparências a um modo de aparecer, reduz o semblante à letra. Um modelo é um reconhecimento da coisa tal como ela nos afecta, é passagem pela qual se transforma um modo em letra.

Se do ponto de vista da forclusão do significante Nome-do-pai a função da excepção restringiu-se a um existente, do ponto de vista do modelo da função, o Nome-do-pai é uma função de ex-sistência. O Nome-do-pai é uma

¹⁵ N.A. Na última lição de RSI há nomeações imaginárias, como inibição; há nomeações desde o real, pela angústia, há nomeações simbólicas como sintoma.

função de ex-sistência que supõe como efeito uma resposta do real. O que generaliza a forclusão é a função do sintoma.

Quarta Conversão : Um-pai como $\Sigma(x)$

O pai como modelo de uma função, engaja, definitivamente, a experiência na via dos Nomes-do-pai: um-pai faz de uma mulher, objecto *a*, causa de seu desejo, desde seu ponto de angustia, compelido pela inibição, ou sintomaticamente. Em RSI, o sintoma é um dos Nomes-do-pai. Ao mesmo tempo, a homologia entre um-pai e a função do sintoma - a um-pai só é dada uma única garantia de sua função de pai, a saber, a função de sintoma - prevalece como o fundamento de uma clínica que considera a forclusão generalizada. Desde essa clínica, a oposição neurose e psicose, oposição entre metáfora paterna e forclusão do Nome-do-pai, será formulada em outros termos, a saber, nos termos que interroga as versões-do-pai: nessa clínica, encontramos a oposição entre a *père-versions* e as psicoses.

A pluralização dos Nomes-do-pai, nomeações orientadas pela versões da inibição, do sintoma e da angustia entregam, assim, a racionalidade da função do sintoma - $\Sigma(x)$. A função do sintoma realiza a transferência do simbólico ao real sem medição. A função do sintoma da conta de uma função de ex-sistência. O sintoma enquanto função, $\Sigma(x)$, é o *pas-à-livre* que designa o que do inconsciente pode se traduzir em uma letra - o que ex-siste do inconsciente no real. $\Sigma(x)$ é uma letra de gozo. Na racionalidade da função do sintoma reside o que justifica mais-uma conversão: se em RSI o sintoma é um dos Nomes-do-pai, no seminário 23, o pai será invocado como um dos nomes do sintoma, pois o que define a *perversión* - dirá Lacan - é que o simbólico, o imaginário e o real ex-sistem cada um por fora do outro, afim de que o sintoma não seja supérfluo.

A identificação ao pai e a identificação de um-pai

O pai como modelo de sua função funciona ao avesso da identificação¹⁶. No seminário 20, Lacan afirma que a propriedade borromeana tem como razão a topologia da identificação. A identificação procede como uma superfície de banda de Möebius. O traço da identificação ao pai (sua dupla inscrição - o pai e/ou um-pai) passa do avesso, ao outro lado da superfície, por uma sorte

¹⁶ LAURENT, Eric *O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses*. In *Curinga 14* /Belo Hte.: EBP-MG, 2000.

de conversão, que só se demonstra se podemos nos servir de um modelo (uma topologia existente), que demonstre como funciona a racionalidade da identificação: se o que afecta se passa da «identificação ao pai» à «identificação de um-pai» ($S \rightarrow R$), ou se o que afecta se passa 'da identificação de um-pai' à «identificação ao pai» ($R \rightarrow S$). Nessa sorte de conversões, se decide o sintoma da superfície¹⁷: aquilo que da identificação se escreve como letra de gozo.

Para terminar, gostaria de retomar um fragmento de um caso apresentado e discutido na Secção Clínica do Núcleo de Psicose do IPSM-MG, em Maio de 2005. O caso foi apresentado pela psicóloga e psicanalista que o acompanha Fernanda Costa¹⁸ O caso me parece muito oportuno para pensar os efeitos da incidência do pai como modelo de função de gozo nas psicoses. Nem todos os elementos que recortei para interrogar a propósito do signo de gozo que teria funcionado como modelo, apareceram no relato do caso, mas foram apontados por Fernanda Costa durante a discussão do caso¹⁹.

Trata-se de um jovem cuja história tem, desde a origem, a marca do abandono do Outro materno: logo que nasceu tinha sido entregue, pela mãe, aos cuidados de uma tia até a idade de dois anos, quando, então, a mãe o encaminha para um abrigo. As lembranças do sujeito recrudescem a marca do abandono materno: havia nascido num carro em movimento e sua mãe, diante da dor sentida, o teria jogado fora; quando pequeno era deixado rodando dentro dos ônibus enquanto sua mãe trabalhava, e, assim rodando, permanecia chorando até ela o encontrar no ponto final.

Durante toda a vida frequentou diversos abrigos para crianças e adolescentes segundo um padrão de comportamento peculiar: dormia durante o dia e à noite fugia errando pelas ruas, transitando de ônibus pela cidade, utilizando drogas e bebidas alcoólicas, e só retornando, aos abrigos, pela manhã. Tal comportamento terminava, invariavelmente, por tornar sua permanência nos abrigos insustentável.

A história recente do sujeito também está marcada por reinternações no Hospital Ortopédico Galba Velloso: invariavelmente havia sido internado para tratar de ferimentos que ele próprio provocava em momentos de crise: alcoolizado, cortava-se, fazia-se atropelar por carros e ônibus, mordida a língua até quase perdê-la. O primeiro contacto entre o analista e o sujeito aconteceu

¹⁷ N.A. Banda de Möebius com 3 semitorções, ou banda de Möebius com 4 semitorções, por exemplo.

¹⁸ Para contactos com Fernanda Costa sobre «O Caso Pedro»: fernandacosta2@bol.com.br

¹⁹ Fernanda, gentilmente, consentiu com o esforço de pensamento que faço, neste texto, sobre o Caso Pedro, que ela vem conduzindo.

na conjuntura de uma dessas internações para tratar de uma fractura exposta no braço causada por atropelamento e da língua gravemente edemaciada por tê-la mordido ferozmente.

Durante a discussão, Fernanda ressaltou que na errância pelas ruas, além do gosto por carros e ônibus, o sujeito frequentava, bocas de lixo, bocas de mendigos, bocas de fumo e drogas, bocas de prostituição, bocas de aidéticos e, nos últimos tempos, vinha frequentando bocas de travestis. Nessa errância, tanto frequentava as bocas da cidade quanto beijava a boca (e, às vezes mordia) daqueles que, junto com ele, frequentavam tais locais. Nessa prática pelas bocas da cidade, predomina o gosto exclusivo por meninos.

A literalidade com a qual o significante «boca» aparece nessa errância permitiu, assim, interrogar se esse significante não traduziria algo do extravio do ser de gozo do sujeito, na medida em que determinava o sentido da errância.

Sob efeito da transferência, o analista recolheu uma lembrança de infância, que o sujeito assinala como a razão de seu sintoma que articula o gosto pela rua com o gosto por meninos²⁰. Aos seis anos, presenciou a cena de seu padrasto beijando sua mãe. O sujeito, então, vira-se, toma o irmão mais novo que ele, e beija-lhe a boca, extraíndo disso um gosto que ele irá repetir, depois, com os meninos dos abrigos, e na errância pelas bocas da cidade.

Se o gosto por veículos em movimento se articula ao abandono do Outro materno, o gosto pelas bocas diz de um encontro com um pai. Entretanto essa errância, não conduziu senão ao pior, até o encontro com um analista, quando, então, se inicia, para o sujeito, uma investigação sobre a racionalidade de seu sintoma, aquilo que da identificação se escreveria como letra de gozo.

Sob efeito do tratamento, a cena diz de um retorno tópico ao estádio do espelho fracassado, na medida em que o sujeito decifra o chamado do tormento do gozo conforme um signo de gozo - «boca que beija». Se por um lado, a incidência do desejo mortífero da mãe - dá-lo para os outros, ou jogá-lo fora, que compeliu o sujeito ao extravio de si (padecendo, por isso mesmo, de se configurar numa imagem com valor de eu ideal), manteve o sujeito em trânsito entre carros que conduzem e que ferem, por outro lado, o encontro com um pai (pai: boca que beija) confinou o sujeito ao exílio de si, numa errância entre bocas que mordem e bocas que beijam.

²⁰ «Gosto de meninos. Quero ir para rua para ficar com os meninos» – O caso Pedro - Fernanda Costa, p.2.

A questão é saber se essa letra de gozo «pai: boca que beija» supõe uma fixação do excedente pulsional, se inscrevendo, assim, como modelo de função de gozo. Trata-se de interrogar, a partir desse suposto modelo de função de gozo, que retoma o desencadeamento-encadeamento no caso, o ponto onde falha a ligação e se escreve uma letra de gozo e não um significante. Se o sujeito decifra o chamado do tormento do gozo identificando um-pai na versão «pai:boca que beija», a prática do «lobinho», do «ratinho» (dois apelidos que o sujeito ganha nas bocas, e das bocas que beija, porque se morde e morde os outros) não está articulada ao Édipo e à angústia de castração. Se na errância pelas bocas, o sujeito chega a ser designado de «lobinho», de «ratinho», essa suposta fixação de gozo se inscreveu na cena matriz, à revelia da significação fálica afinal, o sujeito passou da boca da mãe à boca do irmão sem qualquer índice de vacilação. Seria possível dizer que ali, o sujeito teria se decidido por uma prática de gozo que prescindiu de se servir da identificação ao Pai, e o que seria o traço da dupla inscrição teria sido identificado holofraseado. É um pai que se toma pela exceção. Penso, que o sujeito ficou submetido à identificação de um-pai que, no entanto, não se fez bastar como modelo de sua função de gozo. A identificação de um-pai, no caso, invocou um-pai ímpar no exercício de seu gozo, um-pai que tomado em sua exceção, tem como resultado a sua forclusão. Por outro lado, a versão do pai – «Pai: boca que beija» - cede passagem à metonímia do gozo que compele o sujeito a errar de boca em boca: bocas de mendigos, bocas de aidéticos, bocas de lixo, de drogas, de promiscuidade e, por fim, bocas de travestis. De tal sorte que o sujeito se vê, agora, compelido por um chamado de se fazer no corpo de um travesti. Esse chamado ainda figura de forma esgarçada, sem consistência de corda, assim sendo, que isso chegue a fazer um sinthoma, é uma questão para o tratamento.

Recentemente, quase um ano após a discussão do caso, Fernanda pôde dizer, que esse chamado do ser em nome da configuração de uma identidade feminina, entretanto, também não chega a ser constituir numa nova ficção. Permanece, para o tratamento, a questão de saber cativar, na errância do sujeito, aquilo que como sintoma poderia ter efeitos surpreendentes de uma nomeação nova, da qual pudesse advir outro revestimento ficcional de seu modo de gozo.

Referências bibliográficas:

- Frege, G. (1978). *Lógica e Filosofia da linguagem* São Paulo: Cultrix.
- Lacan, J. (inédito). *Le savoir du psychanalyste (1971/72)*, lição de 3/3/1972.
- Lacan, J. (inédito). *O Seminário 19, ... ou pire (1971/1972)*.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário 20, Mais ainda (1972/73)* Rio de Janeiro: J.Z.E.
- Lacan, J. (inédito). *O Seminário 22, R.S.I. (1974/1975)*.
- Laurent, E. (2000). «O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses» In *Curinga 14 Há algo de novo nas psicoses*. Belo Horizonte: EBP-MG. (pp.176-187).
- Laurent, E. (2000). «Há algo de novo nas psicoses» In *Curinga 14 Há algo de novo nas psicoses*. Belo Horizonte: EBP-MG. (pp. 152-163).
- Miller, J.-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.
- Peirce, Ch. *Semiótica*. (2000). São Paulo: Editora Cultrix.
- Schejtman, F. (2004). *La trama del sintoma y el inconsciente*. Buenos Aires.: Del bucle.